



DOCUMENTO SOBRE SUSTENTABILIDADE

O que significa a sustentabilidade para as mulheres?

A propagação do extremismo, a escalação de conflitos violentos, o agravamento e recorrência de crises econômicas, a volatilidade de preços para produtos alimentares e energia, a insegurança alimentar, as catástrofes naturais e os efeitos da mudança climática tornaram as mulheres mais vulneráveis e aumentaram as desigualdades. A discriminação com base no gênero combina com outras formas de desvantagem – baseada no estatuto socio-econômico, na localização geográfica, raça, casta e etnicidade, sexualidade ou deficiências – limitando as oportunidades e chances de vida de mulheres e meninas.

Conflitos afetam mulheres, meninas, rapazes e homens de forma diferente. O impacto do conflito é muitas vezes medido pelo número de fatalidades que, na sua maioria, são homens e rapazes. Mas as consequências para mulheres e meninas, como a violência baseada no gênero, nem sempre é visível imediatamente. Mulheres e meninas enfrentam elevados riscos devido ao deslocamento e desmantelamento das estruturas habituais de proteção e apoio. Encaram ainda tarefas mais intensas de assistência como por exemplo providenciar alimentos e água e cuidar de doentes. Além disso, 80 por cento dos mais de 42 milhões de refugiados e pessoas deslocadas por causa de conflitos a nível mundial são mulheres e meninas.

Mulheres e meninas correm mais riscos durante e depois de desastres naturais do que os homens. Geralmente, catástrofes naturais matam mais mulheres do que homens. Calamidades como secas, inundações ou tempestades atingem mais mulheres do que homens devido às desigualdades estruturais de gênero. Estudos mostram que meninas recebem menos alimentos em situações de falta, rapazes, geralmente, recebem um tratamento preferencial durante esforços de salvamento, e é mais provável que meninas são tiradas da escola. Em catástrofes e situações de conflito meninas são muitas vezes forçadas a casar ou sofrem de abusos sexuais – durante catástrofes naturais a incidência de estupros e exploração sexual aumenta.

A nível mundial as mulheres ganham, em média, 24 por cento menos do que os homens e têm menos probabilidade de receber uma aposentadoria. Isto traduz-se em grandes desigualdades entre mulheres e homens ao longo da vida em termos de remuneração. No entanto, em todas as regiões, mulheres trabalham mais do que homens – em média, prestam no mínimo duas e meio vezes mais trabalho doméstico e de cuidados não remunerados do que homens, e se o trabalho pago e não pago é combinado mulheres trabalham mais horas do que homens em



quase todos os países. O envolvimento das mulheres neste tipo de trabalho difere muito de país para país, dependendo da extensão e cobertura de serviços públicos, como água e saneamento, energia, saúde e creches bem como cuidados para idosos. Cuidar de doentes e idosos tem um impacto negativo sobre as opções de trabalho das mulheres.

Crises e austeridade colocam em questão os direitos econômicos e sociais das mulheres. Os seus efeitos têm sido menos agudos nos países em desenvolvimento. Na Europa, houve cortes nas despesas governamentais com prestações sociais e benefícios. Nos países em desenvolvimento os cortes afetaram os subsídios aos géneros alimentares, combustível, eletricidade e transporte e ameaçam a expansão de programas de proteção social emergentes.

Investimentos em infra-estruturas de eletricidade e energia são essenciais. Cerca de 1.3 bilhões de pessoas não têm acesso a electricidade básica para iluminar as suas casas, enquanto quase 3 bilhões de pessoas dependem de combustíveis sólidos para cozinhar e aquecimento. Mulheres e meninas passam muitas horas recolhendo lenha, carvão vegetal, estrumes animais e resíduos da colheita para este fim. Os fogões tradicionais a biomassa são a causa principal para a poluição do ar no interior das casas que é responsável por mais de 4 milhões de mortos anualmente. Ademais, o trabalho não pago limita o tempo das mulheres e meninas disponível para trabalho remunerado, educação e descanso. Governos precisam de investir em infra-estruturas e serviços básicos (água e saneamento, saúde, eletricidade e fogões limpos) no sentido de reduzir a carga de trabalho doméstico e de assistência à família das mulheres e liberar o seu tempo para atividades produtivas e recreativas.

Apesar de progressos significativos, quase um bilhão de pessoas não tem acesso à água de poço seguro, de fonte protegida, água pluvial recolhida ou água da torneira. Mais do que 2.5 bilhões de pessoas ainda não têm acesso a instalações sanitárias como vasos sanitários de descarga, de compostagem ou latrinas de fossa ventiladas. 700 milhões usam instalações partilhadas, o que constitui um problema para mulheres e meninas devido à falta de privacidade e segurança. Adicionalmente, nem todas as mulheres e meninas têm condições para lidar com a menstruação de forma higiénica e digna, muitas delas são forçadas a utilizar proteção sanitária não higiénica como trapos, papel usado e afins. Isto constitui um obstáculo à frequência escolar e assiduidade ao trabalho. De modo que um melhor acesso à água contribui para um aumento da actividade produtiva da mulher bem como da assiduidade escolar das meninas.

Trinta e cinco por cento das mulheres em todo o mundo sofreram violência física ou/e sexual, alguns estudos nacionais até fazem menção que 70 por cento das mulheres sofreram algum tipo de violência física ou sexual durante a sua vida. Entre 40 e 50 por cento das mulheres na União Europeia foram alvo de avanços sexuais indesejados ou outras formas de assédio sexual no local de trabalho. Além disso, o tráfico escraviza milhões de mulheres e meninas que



perfazem cerca de 55 por cento das estimadas 20.9 milhões de pessoas afetadas por trabalho forçado em todo o mundo e 98 por cento das pessoas obrigadas à exploração sexual.

Qualquer forma de violência contra mulheres no local de trabalho é uma violação gritante do trabalho digno e um sinal severo de desigualdade entre os gêneros. A mineração é um exemplo por excelência da discriminação entranhada nas diversas culturas e da hostilidade contra mulheres, e a luta contínua para ultrapassar esta opressão baseada no sexo é da responsabilidade de ambos, homens e mulheres.

Estudos apontam para a relação entre HIV e violência, sendo por um lado um fator de risco para contrair uma infecção e por outro consequência de ser identificado como portador do vírus. O baixo estatuto das mulheres e a falta de poder são causas diretas de infecções por HIV, incluindo a incapacidade de negociar sexo seguro. A nível global, 16 milhões de mulheres vivem com HIV, ou seja 50 por cento de todos os adultos seropositivos. A OMS classifica HIV/AIDS como a principal causa de morte de mulheres em idade de reprodução nos países em desenvolvimento. Os governos reconhecem cada vez mais a importância da igualdade de gêneros nas suas respostas nacionais ao HIV.

Diferenças biológicas entre mulheres e homens bem como diferenças determinadas socialmente no que se refere a direitos, papéis e responsabilidades, têm um impacto sobre o estatuto e riscos de saúde da mulher. Embora mulheres tendam a viver mais tempo do que homens, não significa necessariamente que disfrutem de maior bem-estar. A falta de controle sobre recursos, a carga dos trabalhos domésticos e de assistência não pagos e a violência baseada no gênero, estes são todos fatores que prejudicam a saúde da mulher. Necessidades no domínio da saúde reprodutiva, incluindo informações sobre perigos reprodutivos, acesso a métodos contraceptivos modernos e abortos seguros, caso sejam necessários, são particularmente importantes. As necessidades de saúde da mulher são negligenciadas porque as suas vidas não são valorizadas, recebendo os homens tratamento preferencial aquando da alocação de recursos de saúde.

Para fazer valer os direitos da mulher no trabalho é necessário que tenha acesso a empregos com remuneração digna, condições de trabalho seguras e proteção social. Em grande parte do mundo, no entanto, o trabalho não cumpre com estes critérios. Trabalho informal é a norma nos países em desenvolvimento o que significa que estas trabalhadoras são mais prováveis a viver em pobreza do que trabalhadores formais. Além disso, desigualdade de gêneros é a maior causa de e impacto sobre fome e pobreza – estima-se que 60 por cento das pessoas que passam fome crônica são mulheres e meninas. Na Ásia do Sul, na África subsaariana e no leste e sudeste da Ásia mais que 75 por cento de todos os empregos são informais. Setenta e três por cento da população mundial têm pouca ou nenhuma proteção social. A maioria deles são mulheres.



As hierarquias baseadas no gênero existentes no mundo do trabalho informal significam que homens dominam os empregos mais protegidos e melhor pagos, no topo, enquanto mulheres são sobre-representadas nos empregos menos seguros e de mais baixo salário, ao fundo. Mesmo entre os auto-empregados no setor informal, as mulheres tendem a ter maior representação nas atividades menos bem pagas. Na coleta de lixo, por exemplo, homens normalmente recolhem a sucata de mais alto valor, enquanto mulheres coletam plásticos e papelão menos valiosos.

As fronteiras entre trabalho formal e informal estão desaparecendo, sobretudo devido à terceirização. A subcontratação é um fenômeno comum nas indústrias e empregos onde a mulher trabalha como *catering*, limpeza ou trabalho de cuidados. Nas regiões desenvolvidas, muitas vezes se refere ao emprego informal como emprego atípico. Nos países da OCDE, desde a eclosão da crise econômica, o emprego informal veio aumentar. Mulheres perfazem dois terços dos trabalhadores com contratos temporários involuntários. Trabalho precário em todas as suas formas constitui um problema para todos os trabalhadores, mas sobretudo para a mulher.

Políticas devem ter como objetivo aumentar o retorno sobre trabalho informal, melhorar as condições de trabalho e eliminar a violência e o abuso que estes trabalhadores enfrentam. É necessário estender a proteção social de forma que são abrangidos por regimes de saúde e aposentadoria. Regulamentos de saúde ocupacional devem ser válidos também para estes trabalhadores e atender aos perigos específicos enfrentados por catadores, trabalhadores domiciliários e outros.

Estereótipos baseados no sexo alimentam a segregação ocupacional e canalizam as mulheres para um reduzido leque de empregos que reproduzem o seu papel familiar e são consequentemente subvalorizadas. Hierarquias no local de trabalho são muitas vezes mantidas por meio da violência, na forma de intimidação (*bullying*) ou assédio sexual, que reforçam o poder masculino e impedem que mulheres sobem ou mudem para empregos não tradicionais. Sindicatos nem sempre têm sido inclusivos perante as mulheres ou levado a sério as suas preocupações. Por isso, as mulheres enfrentaram uma luta que deve ser ouvida e reconhecida tanto por parte dos empregadores como dos próprios sindicatos.

A integração das organizações da mulher na elaboração e implementação de políticas garantirá que as questões de gênero são devidamente levadas em consideração. Deste modo a igualdade de gêneros será um fator a contribuir para o desenvolvimento humano e a sustentabilidade, sendo que as desigualdades entre grupos sociais, homens e mulheres, ricos e pobres, constituem um obstáculo ao desenvolvimento. Reduzir as disparidades entre os sexos fomenta as economias e fortalece as sociedades.